

CAMILO CASTELO BRANCO

CORAÇÃO, CABEÇA  
E ESTÔMAGO



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO  
CORACÃO, CABEÇA  
E ESTÔMAGO



Edição de Cristina Sobral e Ariadne Nunes

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

LISBOA - 2019

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Design da coleção: Undo  
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g  
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: maio de 2019  
ISBN: 978-972-27-2758-7  
Depósito legal: 451 691/19  
Edição n.º 1023187

(rosto da 2.<sup>a</sup> edição)

# CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

ROMANCE

por

**CAMILLO CASTELLO-BRANCO**

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA

(PRECEDIDA DE UMA CRITICA DO SR. A. A. TEIXEIRA  
DE VASCONCELLOS)

LISBOA  
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA  
50, Rua Augusta, 52  
1864

## DA SEGUNDA EDIÇÃO

A rapidez com que foi consumida a primeira edição deste romance é um dos raros exemplos que, infelizmente para as letras de Portugal, podemos citar.

Não se há de atribuir ao esmero do trabalho, nem aos dotes de fantasia deste romance, a aceitação que o público lhe deu. Muitos outros livros do mesmo autor, reputados superiormente pela crítica, esperaram muito maior espaço de tempo o triunfo — verdadeiro triunfo entre nós — da republicação. Seria, pois, a diferença que vai deste aos outros em matéria de resguardo, moralização, honestidade, e melindre? Decidam os leitores duns e outros, que a nós é indiferente o parecer, logo que o supremo juiz de gosto decidiu, bem ou mal, a questão.

A imprensa deu seu juízo favorável: não sabemos, porém, se a imprensa mística do país condenou o livro: quer-nos parecer que a religiosidade dos baluartes da fé não se intrometeria por estes pântanos pestilenciais do romance. Isto é bom e delitoso para espíritos que se não receiam de convizinhar com os abismos. Mal vai ao leitor que se teme de ser desmoralizado pelo romance: não se deve fiar muito da sua virtude. O romance livre só tem mau sestro de estragar quem já estava mais estragado de exemplos vivos que de exemplos escritos. A inocência não vê a serpente debaixo das flores; o vício o mais que pode é espantar-se e zangar-se de ver-se retratado. A sincera virtude, essa o que deseja é que o ro-

mancista não ponha o crime glorificado em exemplo de folgada vida e quieta consciência.

Dentre os diversos juízos que saíram a louvar este livro, o trabalho que vimos mais completo é um folhetim do Sr. António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Reproduzimo-lo com licença de seu autor. E, posto que ele encerre censuras, que o autor achou justas, os relanços censurados são ainda reimpressos, não por contumácia, ou amor-próprio; mas porque o máximo número de leitores se afeiçoaram a eles, e levariam a mal que lhos mutilassem, sob pretexto de aperfeiçoar a obra. Um escritor tem que respeitar a crítica, sem desagradar a uma certa coisa, que há, chamada o *senso-público*, entidade importantíssima na popularidade dum livro.

O EDITOR

## BIBLIOGRAFIA

### CORAÇÃO, CABEÇA ESTÔMAGO

Romance por Camilo Castelo-Branco

Dizia o nosso mui celebrado poeta, Nicolau Tolentino de Almeida, escrevendo acerca de um padre, que fora mestre de retórica:

«Se em retórico exercício  
Já soubeste as regras dar,  
Eu também posso falar,  
Porque sou do mesmo ofício.»

Pois apesar da incontestável autoridade do grande satírico português, é raro, raríssimo, que homens do mesmo ofício se louvem ou se critiquem. Vai cada qual no seu caminho, e os outros que apreciem como lhes parecer. É certo que às vezes se encontram e se cortejam com benevolência. Tem acontecido, mas por acaso.

Abona-se esta abstenção alegando que anda muito suspeita a sinceridade do louvor e o desinteresse da crítica, quando o autor do livro e o crítico exercem igual mister. Parece valiosa a razão, e não presta. Bem servida estava a crítica se tinha de esperar que houvesse um português, que acreditasse na boa-fé do seu semelhante! Aqui é necessário remar contra a maré. Pois rema-se.

Ora eu sempre estive às ordens da minha razão e mal sujeito às opiniões alheias. Então em havendo coisa de que os outros se acautelem, já lavra em mim o desejo de a tomar como encargo, e por mais que faça, não lhe sei resistir.

Foi o que me aconteceu com o romance do Sr. Camilo Castelo Branco. Nunca tinha lido este volume. Li o *Coração, Cabeça e Estômago*, de uma assentada. Gostei, peguei na pena, e resolvi escrever o que sentia a tal respeito.

Bem sei que o Sr. Camilo Castelo Branco é romancista, e eu também. Não ignoro que publica romances n' *O Comércio do Porto*, e eu também. E vi e notei em França, que os escritores do mesmo género não exercem a crítica escrita acerca das obras dos seus colegas. Pois por isso mesmo. Eles apreciam de língua em conversação particular. Eu gosto mais de o fazer por escrito, em público, e do seguinte modo:

A obra do Sr. Camilo Castelo Branco tem três partes, como revela o título. A primeira diz respeito ao *coração* de Silvestre da Silva, que não era dos peiores. A segunda trata da *cabeça* do tal sujeito, que não seria de invejar. A terceira e última, é com o *estômago*, víscera infeliz desde a malfadada maçã do paraíso até às alicantinas gastronómicas das respeitáveis casas de pasto, que honram a pátria e o século.

Começa a primeira parte com a história de sete mulheres. O número foi bem escolhido porque, segundo as melhores estatísticas, é aquele em que o sexo feminino excede o recenseamento universal do masculino, coisa que tem dado que pensar a meio mundo, e que rir à outra metade. Sete mulheres para cada homem, segundo a produção espontânea da natureza, santo breve da marca! seria pior que na Turquia, onde a generosa lei do profeta apenas concede a cinco o título de legítimas!

Eu já agora não trato das tais sete mulheres. A pintura é fiel, mas as figuras do quadro foram delineadas pelo artista sem atenção a regras que não fossem de arte. A folha de parra está mal segura, e se lhe bulo, pode cair. Neste ponto declaro o livro perigoso, e

aprovo a piedosa intenção com que no Porto compraram logo mais de quinhentos exemplares, decerto para os queimarem em holocausto à moral. Ainda bem que há gente zelosa dos costumes, senão ficava o reino envenenado!

Há dois capítulos nesta primeira parte, dos quais um se intitula *A mulher que o mundo respeita*, e o outro *A mulher que o mundo despreza*. Já se vê que o mundo respeita uma desaforadíssima criatura, e despreza uma infeliz, lançada por mão alheia no abismo da miséria. Tem-se visto.

O mundo respeita muito o dinheiro e a grandeza. Não lhes pergunta pelo sexo. Se acertam cair em homem, viva o homem, ainda que seja o mais descarado malandro. Se incarnam em mulher, viva a mulher, ainda que seja a mais deslavada marafona. Querem saber a causa? Perguntem-a ao mundo. O Sr. Camilo afiança a existência do facto, e eu ofereço-me para testemunha abonatória.

E a virtude? Ora eu lhes conto. Era uma vez uma senhora francesa, que no fim do inverno presidia ao seu último sarau antes de partir para o campo. Havia grande roda de senhoras e de homens, e cada qual gabava os prazeres da aldeia. Lembro-me que um tal Mr. de Paravere, que lia a todos certa obra manuscrita acerca das vindimas do arroz ou não sei de que outra tolice semelhante, citou *Beatus ille qui procul a negotiis* e o *sua si bona norint*.

A dona da casa, excelente pessoa e extremamente sociável, ouvia e suspirava, até que, por entre um ai mais desafogado, exclamou: *Eu também adoro a solidão, mas com muita gente à roda de mim!* — J'adore la solitude avec beaucoup de monde!

Pois assim diz o público. Gosta da virtude, mas com muito dinheiro. Então sim. Não há caridade de dezoito tostões que não venha na gazeta, nem bodo aos pobres que não mereça comenda.

Eu conheci um homem que empenhou o relógio para socorrer uma família pobre, e também sei onde está um garoto que de um dinheiro roubado a uns órfãos dotou algumas donzelas. Este fez de santo em quantos noticiários se imprimiram então. Da caridade

#### NOTA À EDIÇÃO DE *CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO*

*Coração, Cabeça e Estômago* foi editado, pela primeira vez, em 1862, o mesmo ano em que surge *Amor de Perdição*. Uma 2.<sup>a</sup> edição da obra aparece dois anos depois, em 1864. Ambas foram publicadas pela Livraria António Maria Pereira.

Sendo as duas edições publicadas em vida do autor, adota-se aqui como testemunho-base a 2.<sup>a</sup>, porque será a que se encontra mais próxima da última vontade autoral. Inclui, pela primeira vez, uma «Advertência do autor», e acrescenta à 1.<sup>a</sup> uma nota do editor e um ensaio crítico de A. A. Teixeira de Vasconcelos, precedendo o texto de Camilo. Todos estes textos constam da presente edição crítica de *Coração, Cabeça e Estômago*. É também na 2.<sup>a</sup> edição que o título paratextual «prefácio» é substituído por «preâmbulo».

Apesar de a 2.<sup>a</sup> edição ser a de referência, usada para a fixação do texto, contém mais erros de composição do que a 1.<sup>a</sup> Algumas das variantes entre edições resultam de erros atribuíveis ao tipógrafo da 2.<sup>a</sup> Assim, por exemplo:

— que nunca a arte dos Canovas fez cabeça mais magnífica em adornos, que a da Sr.<sup>a</sup> [2 Sr.] D. Martinha

— Amei-a como o [2 e] rouxinol a sombra das [2 da] sinceras

— Marcolina saiu de Lisboa [2 Lishoa]

- não assim a moça que me tinha visto anos antes, numa [2 com] festa de endoenças
- Chamavam lá sobrados [2 cobrados] e casarões

A paginação é, em termos gerais, mantida de uma edição para a outra. Quando ocorrem desvios, estes resultam quase todos do esforço empreendido para corrigir pequenos erros e para fazer ajustes na composição que eliminem, onde isso é possível, a translineação. Por vezes, estas alterações têm como consequência a subida do texto de uma ou duas linhas, mas a diferença é intencionalmente anulada na página seguinte. Veja-se, a título de exemplo, as páginas 60 de cada uma das edições: a terceira linha do terceiro parágrafo acaba com a translineação de uma palavra (*...re-ideas tambem*) que, na 2.<sup>a</sup> edição, é recolhida por inteiro na terceira linha (*...reideas / tambem*). Como consequência, todo o texto sobe uma linha, terminando as duas páginas em lugar diferente do texto. As páginas 61 começam, por isso, também, com palavras diferentes, mas a igualdade repõe-se abrindo uma nova linha de espaço a seguir ao numeral romano (V), o que permite que as páginas terminem exatamente na mesma palavra.

Caso diferente é o erro que ocorre nas duas últimas folhas (pp. 157 a 160) do décimo caderno da 1.<sup>a</sup> edição. Nestas folhas foi erradamente composta parte da NOTA que devia terminar, mais adiante, a Segunda Parte do romance. Não se trata de um erro de imposição, visto que a p. 157 se inicia com texto anterior à NOTA e que aparece na sequência correta do texto (*vestre avalial-o... Retire-se, Josefa, que vem ahi a / mamanan*). Tão-pouco existe erro de paginação. Mais fácil será explicar a ocorrência como um acidente na ordem ou na numeração das tiras do manuscrito usado como original de imprensa. Infelizmente o autógrafo camiliano que poderia esclarecer a questão não sobreviveu. Terminado o décimo caderno, o tipógrafo apercebeu-se do erro. Corrigiu-o no caderno seguinte, repetindo a paginação e a frase anterior à NOTA

## ÍNDICE

IX	DA SEGUNDA EDIÇÃO
XI	BIBLIOGRAFIA
XXI	ADVERTÊNCIA DO AUTOR
1	PREÂMBULO
7	PRIMEIRA PARTE – CORAÇÃO
11	SETE MULHERES
11	I
15	II
20	III
25	IV
29	V
37	A MULHER QUE O MUNDO RESPEITA
37	I
41	II
44	III
50	IV
54	V
58	VI
63	VII
66	VIII
68	CONCLUSÃO
70	A MULHER QUE O MUNDO DESPREZA
70	I
75	II
80	III
83	IV
88	V
91	VI
93	VII

96	VIII
100	IX
103	SEGUNDA PARTE – CABEÇA
105	JORNALISTA
105	I
108	II
112	III
115	PÁGINAS SÉRIAS DA MINHA VIDA
115	I
122	II
127	III
130	IV
133	V
135	VI
140	VII — A POLÍCIA CORRECCIONAL
155	TERCEIRA PARTE — ESTÔMAGO
157	DE COMO ME CASEI
157	I
159	II
163	III
166	IV
171	V
175	VI
177	VII
180	VIII
183	IX
185	X
187	O EDITOR AO RESPEITÁVEL PÚBLICO
201	NOTA À EDIÇÃO DE <i>CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO</i>
209	APARATO CRÍTICO

Autobiografia amorosa de Silvestre da Silva,  
ou o caminho em direção a Tomásia  
com passagem por órfãs, viúvas,  
a mulher que o mundo respeita,  
a mulher que o mundo despreza...  
Uma experimentação pioneira na irrisão do sentimentalismo  
a partir de dentro. E também de fora, claro.

Abel Barros Baptista

edição crítica  
CAMILLO  
CASTELO  
BRANCO

